

Escrevo-lhe

há dias num afinco de letra e numa insistência de carta, embora palavra em papel é um tanto incompleta. Persiste o buraco, onde nem palavra mete o pé; só saudade entra e lugar há de sobra.

Coisa ruim é a ausência quando dói, lateja, pesa; leva tempo incontável pra acabar e, por isso, decidi pela carta. Cabe dentro de si tanto silêncio como a palavra factual no meio do corre-corre da vida. Já vivi tanta reviravolta nesse caminho que o melhor é contar, embora história, a única que eu posso, é a minha. Ainda, assim, ela me escapa aos dedos, ora é a fadiga, ora a interrupção, ora o branco, a confusão, a lembrança e, outra vez, a obscuridade. Esquecimento. Confusão. Tontura. Vontade de voltar o tempo, mas ele não obedece não.

Escrevo na minha língua essa viagem em terra estrangeira; eu mesmo estrangeiro de mim e portanto eu não contava com isso...

Ando um tanto passivo, dorido pelo ritmo, ando desconfiado, suspeitando dessa rotina migrante: as suas horas vazias, as noites em claro, os trabalhos temporários, as descontinuidades, as dúvidas, as inseguranças e o que mais? Não sei. Não vivi. Entre a partida e a chegada é um longo e nutante caminho; é a indeterminação, o talvez, o provisório como peleja, a regra estrita da clandestinidade e o não sei...E é preciso saber de si mesmo, senão, a deriva temporária vira perdição ou condição de vida.

Escrevo-lhe sob o esforço que há dias levanta e assenta beira de estrada. Há duas ou três semanas que não me lavo e desde então pareço pedra. Coisa. Torrão. Tijolo. Embrutecido. Mudo. Calejado. Curtido. Brutalizado. Desumanizado.

... Aqueles banhos de sol, de chuva, de rio e mar é que me lavam pela retina da memória, pois é de lá que me lembro do que fui e do homem que em algum lugar sobrevive.

Imagino, contudo, esses outros homens ainda mais miseráveis do que eu. Eles que sequer conheceram um córrego, um riacho no tempo da infância ou um alfofre durante a mocidade. Vivem afoitos por uns metros

quadrados de piscina, por um veraneio à beira do mar em ilha distante e pela pescaria no colo de um rio qualquer. Miséria nesse mundo tem muitas caras, pois tem!

Minha carta é terra esparramada em letra errante. Viaja como eu pelos labirintos pobres da África. É carta contra o esquecimento, contra esse tosco da vida que recolhe o melhor do bom e, um dia, nasce dentro da gente um segundo homem: taciturno, mal acabado, irregular como a própria carta é e testemunha.

Minha letra torta parece confinada à lembrança de meu pai naqueles arredores do seu Sudão, no buraco, onde nascera e fugira para conhecer, noutros anos, minha mãe, nascida nos Camarões, mulher de beira de estrada, até o dia do casamento que lhe plantou de vez num sítio de Angola...

Ah, minha mãe! Corri a sua terra e nem queira ver o que vi! E paizinho? Em fardo dobrado pela inquietude? Porém não posso de outro jeito, um outro que não esse tanger de linha; o parco sinal de vida de tempo em tempo e nada mais porque dinheiro ainda não tenho...

Imigrante como eu, contam-se milhares e contar-se-ão milhões. Pela televisão ou pelos jornais somos magramente conhecidos como: *les sans papiers* (os sem papéis, sem documentos, sem domicílio e sem trabalho limpo). Se não constituímos novidade à imprensa ou a toda gente esse clichê, no entanto, nos precede, como também nos infringe tanta dificuldade, seja durante a travessia, seja em cada estadia...

Após minha frustrada tentativa para a Córsega, passando pela Tunísia e depois pela Sardenha, já se foram dois anos e meio ou, se calhar, três! Contudo, não imaginava a força do tempo, sem a qual as estadias no Gabão e em Chade teriam definido, infalivelmente, o meu retorno ao país.

Os passantes de fronteira arruinaram minhas economias e quando não há dinheiro qualquer objeto presta serventia: relógio, porta-retrato, mochila, sapato, chapéu, mala, dente de ouro, cordão de família, aliança, roupa, cobertor, colchonete, boné ou agasalho. Pobre diabo se nada tiver para cambiar! Levam tudo! Piedade não há! Furtam até o que se julgava bem guardado, no fundo do saco, como reserva ao sustento da integridade de um homem...

Deixa estar! Marcas sobre o papel jamais testemunharão contra o infortúnio do maltrato e da selvajaria. O que disto fica só mesmo a memória sabe dizer e silenciar. Nem palavra abarca, suporta, traduz ou interpreta. Fica corroída como a inocência quando sonhou com o Eldorado, noutro

mundo, suposto melhor, embora o vil papel tem derramado o seu merdeiro pelas curvas da bola azul...

Os arames farpados, os cães, os postos de detenção, os olhos mortíferos da complacência branca, o silêncio do desterro, a negação da pátria, da língua e de si mesmo, tudo, pela concessão de uma estadia ainda que provisória. Tudo isto e o que não conto, oh meu amigo, tudo banalizado sobre o que acontece dentro e fora dos “campos de concentração” destinados aos ilegais. Sim, há campos espalhados para todo lado. O holocausto continua de um outro modo, noutro nome e mecanismo, cuja legalidade é matéria jornalística e bem conhecida por todos. Ali, concentrados, os que devem permanecer fora de circulação, fora da sociedade, longe dos direitos humanos e da Europa. Dentro, outros excluídos excluem porque no interior há de tudo, inclusive, o tráfico da miséria, a máfia da diáspora, a exploração sexual, e quando se escapa de lá, pode-se dizer que algum milagre acontece sobre a terra, embora a pele permanece como um pano tocado pela nódoa.

A fronteira, definitivamente, não é a mesma para todos e depender dela é o fim do mundo; parece que não chega nunca mais! O sonho anda pra frente... Traça uma linha no horizonte... A gente pensa que chegou e a linha avança... Quilômetro em quilômetro vai saber quanto andei? Já não sei!

Dá-se de um tudo na fronteira, e ela nunca se contenta. Arranca tudo de cada um e engole viva a vida dos mais fracos e até a dos mais fortes. A fronteira come e não escolhe a cor ou o sexo da carne, embora carne negra e mestiça ficam mais vezes expostas à fome. Para que dez, vinte ou trinta atravessem-na outros tantos, cem, duzentos, trezentos serão sacrificados. Bebés, crianças, jovens, mulheres, velhos e homens de toda idade que a fronteira devora, ora pelo mar, ora pelo deserto, ora dentro dos *containers*, ora ainda através das balas dos homens e de um chão anônimo, de uma cidade a outra, donde seus corpos serão enterrados: sem cruz, sem identificação, sem rastro e sem testemunha, pois nessa hora quem tem olho corre risco.

Escrevo-lhe, embora a caneta oscila entre os meus dedos...

Não pude escrever-lhe antes. Fiquei, como dizem, fora de circuito. Precisei roubar e não deu boa coisa! Aquilo acabou comigo. Mãe se visse botava a mão na cabeça e me dava por perdido!

- *Filho meu Ladrão, meu Deus do Céu!*

- *Não sou não, minha mãe, mas carecia roubar... não tive outro jeito... a fome arranca o que a gente tem de melhor... e o medo come a alma, corrompe o sonho,*

a esperança e a fê... e o frio? O frio deixa uma marca na gente que é pior ou igual a navalha... Perdoa, minha mãe, perdoa!

Fui assistido dias depois por um grupo na periferia da cidade. Ganhei umas mudas de roupa, um novo endereço para um trabalho temporário, até bilhetes de transporte, uma cama quente, um prato de sopa e um cobertor vermelho!

Eu aproveito o durante nessa balada de trem para entreter a razão e prosseguir com essa carta que não termina...

...faça disso tudo a emenda, se alguma houver, pois escrevo quando dá e o tempo não dá, o dinheiro não dá, nada dá certo e chegar não chega nunca. Já comi tanta terra e parece que ainda não deu, não é suficiente...

...a mancha da tinta sobre o papel (não bote reparo!) nasceu do frio, no dia de ontem, num banco de branco fugido, onde tão poucos vêm para as minguadas horas de sol! E até o sol se abstém; sem ele é mais difícil...

... a tinta correu a página e escorreu como um menino solto à frente do vento...

era um menino e um vento de cinema. Tudo de mentira. Um menino inventado pelo realizador e o produtor de um filme que eu inventei pra matar o tempo...

um filme mudo sem os sons do vento. Vento quando vazado e sem fronteira, quando ele adriça a alma pela coragem e afugenta o pavor. Vento livre pela aventura dos papagaios. Vento que eu conheço, desde menino...

o vento quando por aqueles nomes ele grita pela parte de Deus, embora é o demônio quem responde, e responde aquilo que só orelha de menino escuta...

... um menino triste, de dar pena, como tantos que andam, por aqui, agarrados à terra, embora cativos por outra força estranha que os assenta no chão em passo de sapato, botina de couro ou tênis de marca.

Porém, o mais esquisito foi quando dei de cara com um menino de verdade!

Ele correu com olhos discretos o meu papel manchado de tinta. Sendo um menino de carne e osso, logo, puxei conversa e abri sorriso porque um menino é capaz de enxergar outro menino no correr do vento. Menino tem asa na cabeça. Menino sabe que se bebe mais desilusão pela água da realidade do que, propriamente, a fantasia pelo balde da imaginação.

Ele, entretanto, um menino trancado em sua miniatura de homem adulto. Fechou-me a cara! Disse que não falava com estranhos – ordem da mãe que lhe deu um puxão pela manga do blusão e mandou que ele ficasse

quieto! A mãe, ainda mais desconfiada que aquele menino ensinado, olhou com desdém a minha parte de bicho; bicho virando pedra; pedra embrutecendo...

essa parte evidente por demais sobre a pele surrada em carne de homem: preto, pobre e agora também expatriado...

o que é melhor do que ser “puro”, pois o milho da pureza é a farinha da decadência e nesse ponto não cheguei, embora eu me pergunto muitas vezes: por onde andam os meninos? O que fizeram deles?

O inverno é pior do que imaginei, todavia, há ali qualquer coisa – uma beleza irrefutável – quando em chuva branda caem os primeiros flocos de neve do outro lado da vidraça. Há qualquer não dizer, pois falta combina com palavra, a falta é o sangue em cada palavra ou, talvez, a sua alma, esta, que ultrapassa uma expressão infante, a nina inocência que a neve tem, embora tal beleza, inclusive, a da natureza resguarda alguma ambiguidade. A neve também é frieza, tanto quanto é impiedosa e de algum modo melancólica...não gosto dela!

As palavras enviesam frases por estranhos parágrafos? Sei disso.

É a minha caligrafia indefinida, que imita meu desalinho de refúgio em refúgio, embora a escrita sabe e sela meu sacrifício numa esperança por outro dia: dia novo, dia melhor!

Ela não exige o que não tenho, mas arranca palavra com raiz e herança.

A escrita mora do outro lado da linha. Eu ando um passo, ela recua dois outros... Ilibada na outra margem enquanto eu me sujo todo de tinta, ela me olha e debocha.

...Estou misturado e confundido pelos desacordos da minha língua em terra estrangeira nesse acordo, sem acordo com a outra língua que também é estrangeira.

A escrita exige um bocado de coerência e outro tanto em coesão, mas isto eu não tenho para dar! Nenhum que seja imigrante, sem padrinho ou guarda de escolta, não pode oferecer, pelo menos, enquanto estiver no meio do caminho...

Tal força, a da escrita, senão a do rabaz que arranca sua gente da terra, gente sem plantio certo, mas que se mete noutra destino - imperfeito e impreciso - como era o seu, mas aquela gente não sabia, como eu não sabia, e se soubesse eu não acreditaria que tal inferno existisse!

Assim, tem sido, desde a nossa despedida em Angola.

Fomos carregados pela força do povoado: as preces do pai, as palavras da mãe e daquele gente velha que sabe os dizeres contra quebranto e reza de benção...

Reza minha gente; reza forte! Por enquanto atravesso o limbo; não é fácil não!

Os meses correram além de nós.

Assusto o povo daqui, embora não seja o único preto das bancas de lá, mas ainda não fiz amizade segura. Evito falar do que é da ordem do sonho, embora há outros sonhadores mais ávidos do que eu.

O pó, mês a mês, recobriu nosso sonho primeiro, perfeito e sem mancha... Quanta poeira viageira agarrou em nossa pele de terra-de-siena, comeu nosso preto e deixou esse alaranjado de homem de barro?

Estou como um boneco de terra, por vezes, inanimado e inexpressivo, mas a querer – o querer de sempre – um palmo de terra carcomida por insetos e assistida pelas plantas que dão chá, remédio e matam fome. Quero o meu belga, o meu direito à gleba, meio torrão, leiva ou blandim, mas que seja terra beijada de sol e enamorada por lua que anda em Luanda....
E COMO QUERO!

Lembra-se?

Acendida a fogueira pela nossa maior idade fabulado, então, o sonho de mudança, cujo intuito, de partida e regresso, serviria à compra de um quinhão e, dele, a nossa cooperativa. Sentimo-nos grandes – gigantescos – como os nossos verdes anos sob a cor daquela promessa...promessa de viagem...a nossa perdição...o nosso rumo dividido...a nossa amizade de perto, agora, separada...

Amizade unida apenas pela carta; carta que não termino; carta que já comecei; carta engolida mil vezes pra policial não tomar conhecimento e saber donde vim e me mandar de volta!

Sob o pó o meu olhar lá. Lá, onde imaginação deu à Europa um tamanho que não tem! O mar, este, sim, é imenso! Maior que a nossa travessia e impossível em barco clandestino... barco miúdo...barco preso... barco de todo jeito...barco da noite...barco do dia...barco pago...

Eu já falhei duas vezes!

Nada é como o sonho inventou. E ai dele se bebesse apenas na fonte da realidade, não sobreviveria! Sonho exige ser maior que a nossa altura

d'homem. É preciso ter uma vontade casmurra; destemida como a do marroaz contado pelo ancião da aldeia ao lembrar as navegações entre a Costa da Arábia e o Mar Vermelho. Uma vontade que não naufraga; sonho carece disso! Porque é no mar que se define o final da luta, a parte do risco sem limite e, para isso, é preciso ter mais sal do que sangue nas veias...

Na terra o combate é sempre outro.

No oceano é melhor ser sal e se misturar ao mar.

Se cair. Se o barco virar. Se a polícia chegar e não tiver pulado. Se ela não te pescar feito um peixe procurado. Se sobreviveres sem morrer na barriga da baleia, então, amigo, se tem sal e não sangue, quem sabe (?), há-de ser misturado à flor do mar e não ser jogado junto ao outro sal. Este que será lavado, apurado, ensacado, vendido e expedido pros quintos do mundo!

Numa noite dormíamos, eu e uns forasteiros, em uma espécie de acampamento que existia na periferia de Lagos. Não sei como, mas às altas horas deu-se por ali uma violenta inspecção. Eram dez ou quinze policiais da capital. Vinham não sei sob qual comando, a partir de qual denúncia, mas chegaram seguros de si. Traziam a força da farda e aquilo deu no que deu; um valha-me Deus e não foi coisa boa!

Fugi atarantado para a zona do lixo, lá no fundão. Fiquei misturado com os escombros, com os restos de comida, lata, bicho, rato vivo e morto, misturado com um tudo e com um nada e, por isso, acabei por ter mais sorte que os outros. (Se é que se pode chamar de sorte, a de não ser identificado senão como lixo!) Permaneci imóvel ou quase. Fiquei ali, durante horas e horas até a primeira hora do sol quando, enfim, debandaram sob novas ordens.

Quando deixei o lugar foi pior. Ficaram colados à pele os restos de vida em óbito, como também o cheiro indescritível da podridão e da morte, como ainda não a conhecia: rançosa, fétida e asquerosa! Insuficientes serão os adjectivos para os sites, vermes e insectos proliferados às vidas morticidas do lixo. Aquilo, feito um pesadelo nefasto, perseguiu-me dia e noite, semana após semana. Na ocasião não houve banho que terminasse com a danação embrenhada aos poros.

Foi como ser perseguido por uma alma penada, esquarterada e moribunda, como a de um louco, quando atravessado por um trem da meia-noite. O errante agarrado à sua morte, um desviado do paraíso, buscou insistente o meu corpo. Um corpo perdido no mundo, mas que ele tinha a intenção de usar até o fim!

Chamava-me pelo meu nome. E quando eu não o respondia, então, gritava, gritava e em confusão paranóica eu gritava também. Foi um ranger de dentes. Uma perda de nomes. O meu limite entre a loucura e a sanidade. O meu quase mediante um estrangeiro, um fantasma, sem corpo, sem documento e mais desesperado pela vida do que eu.

Eu usava, na altura, nome e documentos falsos. Tudo comprado pelas mãos de dois passantes em Agadez, incumbidos do meu transporte para a Argélia, contudo, meu amigo, aquilo foi outra desventura; contarei mais tarde.

Há tanta miséria sob o nome do medo e da fome.

Nos olhos das meninas e dos meninos que usavam a alfurja para os seus biscates de triagem e revenda, para eles, aquele lugar era apenas uma usina, de onde deveriam tirar para si e para a família alguma comida, roupa e calçado, que separavam com certo cuidado para evitar as agulhas, os cacos de vidro e os dentes dos ratos. Para eles, os meninos do lixo, aquele lugar permitia a sobrevivência. Os pirralhos da zona do lixo, embora sem banco de escola, reconheciam, melhor do que eu, o mundo como um sistema, portanto, sabiam que a exclusão é uma condição de vida e é dentro dela que vivem como podem, e sem reclamar.

Preciso deixar essa sina de bertoldo. Largar de ser o parvo do Velho Mundo, senão passo a vida em arapuca ou continuo perdido como tenho andado de um lugar para outro.

Ficou qualquer coisa minha agarrada ao Níger, à sua marginalidade, à carroçaria do caminhão e à terra vermelha da estrada. Gente e sacos de carvão, tudo misturado, sorte e azar sob o cheiro do suor. Depois é o calor incrustado de areia quando bate na pele, machuca, gruda, dorme, cola uns nos outros, acorda e separa um morto, quando ele cai estrada abaixo.

Serei eternamente o nômade do começo? Sempre em terra alheia? No fiango improvisado como tudo de que dispõe aquela gente humilde do Congo, dos Camarões e da Nigéria?

Caminho longo, sobretudo, quando você partiu para se casar e se instalar em Toulouse.

Brincamos com os mistérios da fogueira, mas, de fato, o seu destino veio em porta de aliança. Espero que me esperem: você e a sua enfermeira franco-espanhola. Como vai a sua dona? E o amor faz tanto bem como cantam? E a França, ela concede uma parte ao nosso sonho? Já fez menino? Já tem trabalho?

Busquei fronteira nas terras da Guiné, Senegal e Mauritânia. Reunidos os recursos pude, então, pagar o preço reclamado para travessia do Saara. Mas dinheiro não basta! Foi por pouco que o monstro não me devorou pelas entranhas! E se tive socorro, graças dou, e darei até o fim dos meus dias, a um Saaráui do deserto. Um guia incomum nos arredores de Aênben Tili. Ele surgiu por milagre ou comisseração da fé, que eu me forcei a ter para salvar, exclusivamente, a mim mesmo.

O guia, logo, me convenceu sobre a ineficácia do trajecto, segundo o meu apontamento na folha do caderno. Traçou um novo estrategema. Reorientou a rota para Argélia, e de cuidado em cuidado o necessário tomou feito. O mais difícil foi garantir a passagem para o Marrocos, pois o acesso pela fronteira é complicado e os documentos que eu tinha em nada ajudavam. As rotas alternativas e os meios de fuga eram, por ele, bem conhecidos. Sem contar seus tantos e fiéis, amigos e familiares, que ele mantém naquela zona e, sem eles, tudo seria impossível.

Escrevo-lhe e a carta é, por si, sinal de êxito, embora foi gasto muito mais tempo que o previsto e o custo mais que quadruplicado! Mudei tantas vezes de nome quantas foram as exigências e os limites entre as fronteiras. Precisei arrumar trabalho e angariar dinheiro. Fui aceito em família que nunca vi. Fui expulso por aqueles com quem contava. Fui ajudado e denunciado. Fui perdendo a minha pele negra. Fui ganhando outra, mais surrada, porém mais forte! Tenho agora uma pele estrangeira, língua estrangeira, letra, identidade e nome estrangeiros, como o meu presente e o meu futuro são e serão de um forasteiro.

Escrevo-lhe porque isso tudo dói por dentro, embora venci...ESTOU VIVO!

O plano foi seguido à risca e, sob incisivo conselho do Saaráui, queimei todas as minhas anotações. Parte minha foi junta! Porém, arriscado demais, segundo ele, manter um diário não sendo nem jornalista, nem escritor. Forjaria um outro para preservar o caderno. Ele, porém, alegou categórico que minhas mãos testemunhariam contra mim e, em caso de fiscalização, trair-me-iam.

...Danação de vida, quando se é pobre e o corpo todo denuncia a condição!

A vigilância foi cada vez mais açulada e além do que esperávamos. Há tantos ou mais postos de fronteira, hoje em dia, como também

patrulhamentos locais, ora dia, ora noite, ora no meio da madrugada.

Aqueles nomes e identidades nada diziam comigo, mas integrei, memorizei tudo, abri caminho, falava pouco, embora nunca consegui tapar a vergonha – a minha desapropriação – esse resíduo de liberdade e miséria que nem roupa e nome falso encobrem.

...Mãe sabia disso: *feliz o bicho da cidade, pois tem boca grande, dentes largos, apetite selvagem e come voraz bicho da mata.*

Vou largar de ser *aardvark*: o porco menor da África, que captura apenas cupins e formigas durante toda a sua existência.

...Dou jeito não; essa vida é dura demais! A mentira sabe o pedaço que ela rasga, mastiga e devora dentro gente. Ser um outro; passar-se por outro só em teatro, cinema ou televisão! Na vida ser um outro, um estrangeiro diante de si e dos outros é dívida sem pagamento e sem perdão.

... É como a nossa África! Não pode ser o que é e, por isso, paga caro, dívida sobre dívida, por não ser uma outra nação, outra terra, outra cultura e outra economia nesse mundo indecente! E, ai da África se quiser sustentar o castiço; dão cabo dela! Não vê a Angola, a Guiné Conakry e a Namíbia?

Por intermédio dos passantes mais experimentados encontrei ajuda ocasional junto aos aldeões. Participei daqueles cultos... e a mulher berbere teve suas visões... aconselhou o que quis e limpou o que pôde do meu caminho... Meu corpo embrenhou daquele fogo! Fui tomado pelo demônio ou, então, pelas forças que ele comanda nesse fosso terrestre, onde quem mais tem é quem mais tira... O azar remediado por alguma sorte transformou o sonho numa vontade capitosa e resistente... Fiquei com o corpo fechado. Endurecido pelo desejo que me fez mais forte e menos eu. A mulher fechou minha dor. Abriu meus olhos. Cicatrizou minha alma e me deu um amuleto.

A África ficou do outro lado das Canárias. Economizo tudo e mais do que posso para a estadia em terra Espanha, mas não na ilha... Não sei como, mas consegui, estou a caminho! Ainda não alcancei a França, mas já me vou e muito mais próximo. Como deve presumir estou de chegada, seguindo os ganhos dos trabalhos itinerantes oferecidos à nossa estirpe: nenhuma!

Somos e seremos imigrantes. Somos e estaremos em permanente viagem. Seremos sempre estrangeiros e permaneceremos exilados. Um exílio voluntário ou por mandato do sonho, da urgência, da fome e da

família que conta com o nosso amanhã; conta com a nossa diáspora!

Preciso me virar! As gorjetas são magras, como também o “salário” nos hotéis de luxo. Vendo, quando muito, alguns livros e revistas trazidos por turistas; gente bacana, gente fina, gente sorridente, gente de papel de revista! Eles vêm dos confins da terra para uma temporada nas águas Canárias. Ao que parece eles têm tantos livros que não se aborrecem em “perder” suas leituras de viagem e, é por isso, que aproveito! Capturo tudo que me possa servir como moeda ou troca: um favor, uma informação, um pagamento.

Primeiro passo tudo pelos olhos e, a seguir, gravo o que posso, pois memória não me falta. Aprendo o necessário sobre o discurso supérfluo, mas que me serve como matéria de impressão entre os turistas. Leio, guardo e solto frases feitas! Os ricos adoram ser surpreendidos, e uma gorjeta extra é sempre bem-vinda. Eles supõem que meu saber é fruto “do mérito pelo esforço”! Imagine só, se descobrissem, seus livros surripiados pelo meu esforço sem mérito? Um risco que vale algum dinheiro pelo preço pedido para a travessia de barco. Benditos livros, cuja soma soldada junto ao mercante da cidade vai me tirar dessa ilha! A fantasia de uns poucos! A ilusão de uns tantos!

Depois foi preciso aguardar as noites sem lua, as falhas da vigilância marítima e o sinal entre os informantes, uns, em terra, outros, do outro lado do mar...

... Já me desconheço como homem e uma ave de rapina me cairia melhor. Dava minha alma nisso, pois que conheci Deus, mas fiz negócio com o Diabo.

Aquelas aulas de leitura e escrita, nos cursos da noite, serviram-me de arrimo. A leitura quebra o silêncio e o anonimato. O autor fala com a gente e a solidão fica dividida ao meio, pelo menos, é isso que eu sinto...

A leitura me acompanha e me faz dormir; fico mais sossegado! Porém, nunca leio no meio dos outros e, se me perguntam digo que não sei ler, mas que gostaria de aprender pra não morrer estúpido! De vez em quando viro o livro de cabeça pra baixo e, assim, descubro que outros sabem ler, embora escondam.

Saber demais pode denunciar a língua e o país de origem, por isso, a discrição é trato passado com a sorte e, isto, não é, de modo algum, dispensável durante a travessia.

No entanto, à medida que leio pareço um bocado cambaio e me desentendo pouco a pouco com a realidade... Essa coisa enfadonha, desigual e absurda que é a realidade!

Ando cansado de ver dor. Fecho os olhos e prefiro o que vejo dentro; o que aprendo em livro e existe só em livro! Embora se alguém escreveu deve existir...?! E se não existe alguém mais criativo encontrou um meio para curar as dores do mundo. O que eu não alcanço, a imaginação resgata. Aberta ela pode mais, e mais depressa, alcançar o mundo desenhado pelas palavras...E como existe palavra bonita!

Escritor é, por isso, mais rico! Vende o que falta e como há falta nesse mundo...terra sem um único Deus e com tanto diabo à solta... ele preenche a falta. Escritor prospera dia a dia às custas das mazelas! Mas digo-lhe francamente: quanto mais leio, viro pedra e, inevitavelmente, recolhi algumas com as quais divido a rota.

Outro dia, eu permaneci folha morta e nenhum turista de espreguiçadeira deu com minha natureza em mutação... O melhor, no entanto, foi virar vento... Morrer uma morte sem dor numa flor cansada... Deixar o estado sólido e virar gota d'água... Correr pelo copo virado... Cair da altura da mesa... Ser tomado pelo colo do chão... Morrer dentro do calor do sol que consumiu parte da água... Ser bebido pelo céu e morar numa nuvem...Depois, a outra parte, a que ficou por cima do cimento, ao lado da piscina, ao pé da mesa, donde caíra o copo, partira o vidro e eu recolhera os restos, esta parte, desapareceu... Morreu sem pena... Entrou pela fenda...Caiu nas funduras da terra... Misturou-se num lençol... Viajou na água...Virou parte de um oásis... E pela sede na vida de uma serpente foi, então, engolida pelo deserto, que engoliu um camelo, um boi, uma ovelha, um homem e um cachorro...

Cachorro, sim, é um bicho de sorte! Tem madame que preza mais seu cachorro que o próprio marido. Filho, então, passa depois. Primeiro: cachorro! Depois: marido! No meio: o dinheiro e o trabalho! Acima: a vaidade que ultrapassou a independência, a autonomia e a solidariedade. Família já não conta! Filho, talvez, noutra encarnação porque a vida é por demais curta e as mulheres têm atraso com seus desejos.

Os dias morreram lentos e sem piedade: sol fumegante e lua alta. Mantive a espera. Passaram outros mais vindouros e, enfim, a confirmação da partida. A Espanha em terra firme, sem ilha, a do lado de lá, agarrada à Europa, ao meu destino, ao nosso reencontro, ao fim dessa viagem e ao começo de uma outra.

Sendo homem eu sei que eu não dou vida e sequer me dei à vida, mas alguma vida nasceu dentro de mim. Acho que vem dessas coisas a natureza límpida da palavra plenitude

e, por isso,
alguma generosidade conspirou pelo melhor
ao mar deitei as minhas pedras
elas correram do estômago para a garganta e dali em diante já pude
sentir alívio
a leveza
quando aquelas pedras sem limo rasgaram meu corpo e caíram dentro
do oceano... O peso fora do meu ventre morto... O passado deitado água
adentro e o futuro diante de mim, lá fora... como a Espanha é bonita! Essa
gente sabe disso?

Em terra firme comprei um caderno de bolso, uma caneta, um lápis e roubei meu primeiro dicionário. Esse livro tem sido de uma exemplar companhia. Ele não me ensina sobre os pedaços do mundo, mas os reintegra, através dos verbetes que me guiam de uma página a outra. Assim, de leitura em leitura, vou de uma palavra desconhecida para uma outra: irmã, prima, tia, neta, avó... a família é grande!

Pela natureza das palavras não há separação, embora houve mudança substantiva na árvore da história. Cada palavra tem raiz, tronco, galho, folha e participam, à sua maneira, da fotossíntese, do sombreiro, do fruto e das metamorfoses em cada estação.

Desagregar é ofício da cultura, dos homens, da política, da economia e do discurso! Eu entendi! Foi o dicionário que me ensinou e, por isso, tornei-me um ladrão de dicionários. Adoro dicionários! Ao contrário da vida quanto mais velho for um dicionário maior o seu valor e o seu prestígio. Dicionário, contudo, é o livro mais caro e difícil de ser roubado e, por isso, vale a pena! Dicionário testemunha os sentidos e os contrários. É muito engraçado cruzar e descruzar as verdades por detrás das palavras. Palavras de papel tão bem engomadas, embora quão amassadas pelos fatos e saias justas que vestem homens e mulheres.

Afeto e África, por exemplo, estão reunidas em dicionário. E de tanto consultá-los tomei gosto pela etimologia: uma espécie de caça às palavras que, além do vício do jogo simula tão perfeitamente o viés da linguagem e o revés da vida.

Quem sabe, um dia, nem as palavras, nem minhas mãos vão me trair? Quem sabe, um dia, as palavras farão por mim e, antes de mim, a travessia que falta? Quem sabe diminuirão as distâncias e, assim, hei-de chegar, de voltar e de reencontrar o que o vento levou consigo?

Aqueles com que “convivo” têm a escrita como artigo de luxo, como

se ela fosse uma aquisição semelhante ao carro zero quilômetro, à casa própria e ao passaporte para um país estrangeiro. Todo esse gênero de coisas que vive do outro lado da vitrina, aquisições que o dinheiro compra, que desfila pelo ecrã da televisão, que sustenta as fronteiras entre os países e está acima, muito acima do meu sonho.

A escrita é coisa banal na vida dessa gente letrada. Ler e escrever, há muito, foi integrado no modo de viver e às maneiras de ser e pensar de um europeu. No entanto, eles desconhecem, no varejo da vida, o custo dessa ausência: o exílio sem a escrita, sem a matéria da ficção, do entretenimento e do prazer que um livro pode dar e dá... Quanto tem me dado! E uma carta então? Escrever uma carta, mesmo em pedaços como a minha! E receber, pela caligrafia de um outro, no futuro, uma carta! Lá em casa, contudo, ninguém se entende, nem com letra, nem com palavra. É uma vizinha, de longe, que monta a cavalo pela morte da ignorância.

Salve os meus dicionários que me arrancam dessa *agnosia crassa* – aprendi com eles essas palavras difíceis; disseminadas como nossas, senão, convenientes às explorações das Áfricas.

Veza por outra é uma palavra bonita ou antiga que saem dos meus dicionários sem cabeceira. Floreio bilhetes e cartas, mas sem dinheiro dentro não tenho coragem de entregá-los à caixa de correio. Notícia sem esperança dentro é vão; a família não entende!

Encontrei um novo trabalho e sem saber ler e escrever seria impossível. O aprendizado a mais com os voluntários do *Sem Fronteira* foi, certamente, reza forte da mãe! A escrita abriu meio caminho para levantar comida, negociar o pernoite e fazer algum dinheiro entre os operários de uma fábrica clandestina.

Bendita escrita que me serviu de nução – amém de mãe!

...E os outros? Os que estiveram na Cruz Vermelha e voltaram pra trás ou pro meio do sonho? Chegaram em casa? Caíram em perdição? Encontraram corda pelo caminho? Rasto novo até Espanha, Itália ou Marrocos? O que sabe dos companheiros?

Tirei cópia do mapa sobre a nossa imensa e dividida África. O esboço serviu para recapitular os percursos de passagem e os de longa estadia. Revistos sobre pontos vermelhos, marcados com “X”, eles evidenciam as redes do tráfico, principalmente, no triângulo entre Espanha, França e

Itália. Contarei aos nossos o que fazer ou não: os descaminhos, as ciladas, os patrulhamentos e as pequenas brechas para a imigração.

A África, desenhada sobre a camisa encardida, ficou ainda mais diminuta e vê-la, assim, doeu-me o peito. Já não parece mais a terra dos mosaicos de infância, quando as meninas criavam suas decorações com pedras e metiam pintura nas paredes de barro.

Uma terra vermelha com sede de terra livre. Uma beleza natural como capim e semente. A nossa terra. E do seu filho, o pó encarnado, engolido por pés descalços, como se terra fosse água e a água tivesse sede de pé de gente, donde então tanta água bebida pelas nossas raízes, mudas nuas, pés de criança, pés pobres, naquela liberdade de quintal.

Mas se a liberdade cabe em lembrança e coube no fundo da nossa casa, então, não podia ser, assim, tão livre e tão nossa, não é mesmo?

Eu, desse lado do mundo, ando calçado demais! As fendas nos pés já não têm terra para beber. Elas se retraem à terra misturada dentro da planta de cada pé: no tempo de menino ao de rapaz. Essa terra é, verdadeiramente, a única herança que não me foi roubada no caminho. Tinham que ter acabado comigo e foi por um triz que escapei! Tenho mais vidas que gato de cidade... Deus me prometeu o paraíso, disse minha mãe, mas o Diabo gosta da eternidade! Tenho agora pés de borracha que já tanto pisaram cimento; pisaram estrada; pisaram fuga; que, acredite, hei-de chegar!

Paris vai ficar pra conversa de mesa, mas antecipo: nunca pensei em fazer uma curva dessa e passar pelo país, por dentro, pelo umbigo do mundo! Por aqui se encontram *lordes* e *ladys* de um tempo ultrapassado. Vivem numa liberdade republicana, mas autossustentada por um saudosismo monárquico. Reencarnaram com seus rostos postiços e esbranquiçados, mas não têm sangue azul! Falta-lhes, portanto, a prova incontestável sobre o “selo de autenticidade francesa” reclamada, pelo menos, pelos fanáticos – os nacionalistas da extrema-direita que buscam meios escatológicos para afirmação de suas fronteiras e muros...

Destruíram em Berlim, mas arrimam muros, cercas e arames por todo o resto. O resto segue dentro; dissimulado entre as palavras...

Seu amigo, este, que resistiu intacto. Alguém resiste doutra forma? Resistir a ser senão inteiro? Seria por demais decadente de outro jeito, embora a decadência habita as vitrinas, os supermercados, as mentiras televisivas e os discursos políticos sobre as fronteiras.

Resistir; aprendi a apreciar essa palavra...

Vou resistindo pelo meu melhor barro, pelo meu pano tocado pela nódoa, pela pedra bruta, pela flor, a gota de água, o vento, a nuvem antes da chuva, um menino de cinema, um camelo, a serpente engolida, o deserto que é quente e gelado, um menino de verdade e sem bota, bota nos pés da estrada, já chego, já comprei meu bilhete pra Toulouse. Sigo no trem da madrugada. Vou pelo vagão clandestino.

Um abraço,

Barth.

PS: Espero que o seu endereço seja o mesmo e que essa carta não se perca! Avisa para a sua dona que eu preciso de pouso. Agora mais dois ou três dias e bato-lhe à porta! Não vou aborrecer. Fico em qualquer canto até obter trabalho e arranjar papel.

Paris, 15 de Novembro de 2002.

À coragem imigrante. À integridade de Barthélemy e de outros sessenta e sete anônimos, cujas trajetórias são familiares às dele. Aos que não chegaram, aos que morreram pelo caminho, aos deportados, aos que encontraram um meio e resistem.

Catitu Tayassu

Doutora em Educação pela UFMG (1999), Pós-Doutora em História Cultural pela Universidade de Versailles (2001), Pesquisadora Associada no CRH-EHESS (2003), Professora de Português para Estrangeiros (2004-2010) Curadora e Diretora do Arquivo On-Line Internacional “Pour la vie Ailleurs & Pour la vie Maintenant – Pela vida Afora, Pela vida Agora” (desde 2009). Arquivo dedicado à memória ancestral, à salvaguarda das línguas e à difusão do patrimônio cultural da humanidade: mitos fundadores, textos de iniciação, histórias da origem: sagas, contos, cantos, poemas, odisséias, epopeias, lendas e fábulas. Em Fevereiro de 2010, com 40 línguas e países integrados.